

# A MOTIVAÇÃO CONCEPTUAL DA GRAMÁTICA

Valeria Chiavegatto (UERJ)  
& Lilian Ferrari (UFJF) <sup>1</sup>

RESUMO	Apresentação de fundamentos teóricos para as pesquisas em Linguística Funcional Cognitiva		
palavras chaves	lingüística	cognição	gramática

## 1. Apresentação

Para tratar da motivação conceptual da gramática, faz-se necessário apresentarmos fundamentos teóricos e metodológicos para o desenvolvimento de pesquisas em *Lingüística Funcional Cognitiva* (de agora em diante LFC), uma das tendências do conjunto de investigações associadas genericamente ao "funcionalismo lingüístico".

Sob o rótulo *funcionalista* estão abrigados todos os estudos comprometidos com a concepção de que a Gramática das línguas naturais é dinâmica e que as formas lingüísticas caracterizam-se pela necessidade de adequação ao contexto. Nesta acepção, a Gramática não é vista como uma estrutura rígida, mas maleável, acessível às pressões do uso.

Parte dos estudos funcionalistas abraça a hipótese de que a sintaxe procede do discurso, considerando-a motivada por fatores pragmático-discursivos (Sankoff e Brown 1976, Garcia 1979, Givón 1979a/b). Para Salomão (1994), trabalhos desta natureza constituem o funcionalismo *externalista*, pois vão buscar no contexto de uso discursivo as razões da estrutura se apresentar como é.

Outros estudos funcionalistas trabalham com a hipótese de que a Gramática é motivada pelas *experiências cognitivas* dos indivíduos. Partem da concepção de que, de alguma forma, as *estruturas emitidas* manifestam os processos que as engendram na mente e, assim sendo, constituem uma forma de representação dos processos cognitivos, como expressões mais ou menos densas dos processos mentais que as precedem (Beaugrande 1993). Tal funcionalismo é denominado *internalista* (Salomão 1994).

Na LFC buscam-se descobrir, no efetivo desempenho lingüístico dos falantes, em integração com suas experiências psico-sociais, discursivas e culturais, as bases internas, de natureza cognitiva, que sustentam a Gramática.

Neste artigo, são apresentados alguns dos conceitos básicos que norteiam as pesquisas nesta última abordagem, onde noções como *iconicidade*, *mapeamento metafórico*, *princípio da invariância e categoriais radiais* formam um conjunto mínimo para o entendimento da linguagem humana.

Estudos envolvendo tais questões vêm sendo desenvolvidos pelos chamados lingüistas cognitivistas, entre os quais destacam-se Lakoff, Fillmore, Langacker, Fauconnier, Sweetser, entre outros citados ao longo deste artigo, que constituem os fundamentos teóricos dos trabalhos que vêm se desenvolvendo nesta perspectiva teórica.

## 2. Conceitos básicos

A noção de *iconicidade da gramática* é um ponto de partida importante para as pesquisas que abordem a Gramática como um sistema motivado por processos cognitivos.

### 2.1 - Iconicidade

O conceito de iconicidade dos signos, formalizado por Peirce em 1931, refere-se às representações que se baseiam em relações de semelhança entre um ou vários aspectos do objeto e o seu *signo ou representamem*. Para Peirce (1977), um ícone é um signo que representa seu objeto por uma mera qualidade, não precisando reproduzir todos os aspectos do objeto representado, mas apenas alguns.

Isto nos leva a considerar que a estrutura lingüística, por ser uma representação de processos mentais cognitivos, é, em sua essência, icônica. Quando aplicada à análise da Gramática, a noção de iconicidade proposta por Peirce pode ser considerada de duas maneiras diferentes, tal como nos mostra Salomão (1994b):

a) *diagramática*: quando os sinais físicos, no caso as formas lingüísticas, deixam transparecer, na linearidade do discurso, a maneira como as informações são codificadas em termos de processos mentais. Portanto, na forma como se combinam as seqüências de constituintes da cadeia podem ser encontradas pistas de que a sintaxe é constantemente ajustada para atender a estratégias cognitivas e comunicativas. Neste sentido, o texto é um diagrama dos processos de elaboração do pensamento para cumprir uma função discursiva; e

b) *figurativa*: quando a representação efetuada permite que se reconstrua, com base em relações de similaridade, a imagem ou figura do domínio conceptual que tal forma representa. Nesta espécie de iconicidade situam-se os processos metafórico, metonímico e de imagens relacionadas a espaços mentais.

Ao estudar as diversas formas como as línguas se manifestam, a LFC estará estudando o processo de representação do pensamento em linguagem, considerando a língua como uma estrutura essencialmente icônica.

Ora, se estamos trabalhando com a idéia de que a Gramática se constitui a partir da aplicação de processos cognitivos gerais, endossamos o pensamento dos lingüistas cognitivistas de que *Toda a Gramática é uma grande metáfora do pensamento*, tal como aparece, de maneira explícita, na maioria dos diferentes trabalhos reunidos em Ortony et alii (1993).

### 2.2 - Metáforas conceptuais

Os estudos desenvolvidos em Ciências Cognitivas, entre as quais se inclui a Lingüística Cognitiva, mostram que o processo metafórico não é apenas uma questão de "criação literária", mas um processo conceptual mais amplo, que se espalha por toda a linguagem. Tal processo se manifesta na linguagem cotidiana, com tal regularidade, que vem se caracterizando como o processo organizador capaz de dar conta, por exemplo, da produção e interpretação de expressões lingüísticas "novas" ou de "novos usos" para as já existentes.

Tais possibilidades fundamentam-se na existência de *metáforas conceptuais*: um conjunto de correspondências mapeadas na mente dos indivíduos a partir de um arquivo na memória dos interlocutores, calcado nas experiências cognitivas compartilhadas.

Uma metáfora é um processo que opera entre domínios conceptuais, dos quais as expressões lingüísticas são apenas uma manifestação sensível. Assim, uma metáfora é o mapeamento do conjunto de correspondências que transfere conhecimentos de elementos de um domínio conceptual para outro, e destes para o lingüístico. Trata-se de um princípio geral de entendimento, em que domínios da experiência abstrata são entendidos em termos de experiências concretas.

Lakoff (1993) mostra que, em Inglês, há uma metáfora conceptual em que o domínio abstrato da *experiência amorosa* é conceptualizado em termos de domínio concreto da *experiência de viagens*. Logo, em inglês, *o amor é conceptualizado como viagem*. Em Português, a metáfora "O amor é uma viagem" também se revela bastante produtiva, como ilustramos com o esquema que apresentamos a seguir. Para entendê-lo, é necessário destacarmos que, segundo a teoria, a estrutura predicativa "O amor é uma viagem" (= S é P) é um mnemônico que serve para nos referirmos ao mapeamento - ou conjunto de correspondências entre domínios conceptuais - e não à metáfora em si. Observemos, então, como se interrelacionam domínios conceptuais e lingüísticos na metáfora "O amor é uma viagem".

**DOMÍNIO COGNITIVO (CONCEPTUAL): METÁFORA**  
**(mnemônico: "o amor é uma viagem")**

EXPERIÊNCIA DO NÍVEL CONCRETO	é usada para referir-se à	EXPERIÊNCIA DO NÍVEL ABSTRATO,	sendo que:
domínio fonte	é mapeado sobre	domínio alvo,	como:
VIAGEM	é usada para representar	AMOR,	logo:
EXPRESSIONES MAIS CONCRETAS	representam	conceitos mais abstratos,	tais como:
"a viagem"	é	"o amor"	
"o veículo"	é	"o relacionamento"	
"os viajantes"	são	"os amantes"	
"a destinação"	é	"o objetivo comum"	
"os impedimentos"	são	"os obstáculos ao amor"	
etc...	>	etc...	
	que se manifestam no:		
DOMÍNIO LINGÜÍSTICO: EM EXPRESSÕES METAFÓRICAS, tais como:			
Caminhamos lado a lado pela vida. / Não dá para continuar nossa relação. / Parei com você. / Chegamos a um beco sem saída. / Nosso amor venceu os obstáculos do caminho. / Aquele romance não decolou. / Nosso caso foi cheio de desencontros.....etc			

*Quadro 1: Esquema de correspondências entre domínios conceptuais na metáfora (formulado para o português com base em Lakoff 1993)*

O Quadro 1 nos permite observar que, no nível cognitivo, há o mapeamento de um domínio concreto sobre outro, de caráter mais abstrato. No caso do esquema apresentado, tais correspondências se manifestam em expressões da linguagem comum, mostrando que pela metáfora, a relação abstrata "amor" é relacionada à experiência concreta de "viagem" e que as correspondências são compartilhadas pelos membros de uma mesma cultura. Portanto, as expressões metafóricas usadas na linguagem comum evidenciam a existência de um mapeamento inter cruzando domínios cognitivos distintos.

O mnemônico que permite que nos refiramos à metáfora tem uma estrutura proposicional (sujeito é predicativo = S é P). Tal estrutura pode ser observada em outros mapeamentos também produtivos: "Tempo é dinheiro", "Categorias são *containers*", "Comunicação é conduto" (Lakoff 1993 e Reddy 1993). Os mnemônicos referem-se a todo o conjunto de correspondências entre os domínios fonte e alvo, mas não são as metáforas propriamente ditas, pois estas estão no domínio dos processamentos mentais. Destaca Lakoff (1993), que *a metáfora não opera na linguagem, mas através da linguagem, relacionando domínios conceptuais*.

O mapeamento de entidades de um domínio sobre o outro é micro e minuciosamente estruturado: há uma correspondência ontológica para cada entidade dos domínios alvos (DA) - "amor, tempo, categorias, comunicação" - sobre entidades correspondentes, sistematicamente, nos domínios fontes (DF) - "viagem, dinheiro, containers, condutos".

Os domínios inter cruzados vêm de nossa "experiência de mundo": desde a mais tenra idade as informações vão sendo arquivadas em nossa memória de longo prazo. Os itens lexicais (palavras), que aparecem nas expressões metafóricas, permitem acessar as correspondências entre o DF e o DA. Tais itens são chamados em Paivio e Walsh (1993: 324) de "conceptual pegs" (= pistas conceptuais).

Tais "pistas conceptuais" permitem descobrir as hierarquias estabelecidas entre níveis super-ordenados, como o "veículo" na metáfora "Amor é viagem" e níveis sub-ordenados, como "carros, trens, barcos, aviões, carroças, etc", em correspondência sistemática entre os elementos do DF e DA.

Desse modo, podemos entender expressões metafóricas novas que estejam baseadas na metáfora conceptual, tanto quando a pista conceptual é um item lexical do nível super-ordenado (tal qual "veículo" por "amor"), como quando são empregados itens lexicais que manifestam correspondências em níveis sub-ordenados do mapeamento, como quando dizemos que "Aquele casamento era uma canoa furada" ou "Nosso caso ia bem mas, no mês passado, saiu dos trilhos".

As expressões metafóricas empregadas na literatura são exemplos da mesma natureza, por isso as compreendemos. A criatividade das "metáforas literárias" não reside, como se poderia pensar, no estabelecimento de novos mapeamentos entre domínios conceptuais. Ao contrário, tais "metáforas" utilizam-se dos mapeamentos já existentes, expressos produtivamente na linguagem comum, ficando a criatividade por conta de expressões lingüísticas originais, não encontradas no uso cotidiano.

A possibilidade de criação e compreensão dessas metáforas está no fato de se vincularem às metáforas conceptuais, também presentes na linguagem cotidiana. Por exemplo, por conceptualizarmos "Amor é viagem", entendemos a expansão metafórica que se expressa nos versos de Caetano Veloso, na música "Meu bem, meu mal": "Você é meu caminho / meu vício / desde o início / estava você (...) Porto seguro onde eu vou ter".

Segundo Paivio e Walsh (1993), na expressão mnemônica da metáfora, a estrutura **S é P** nos mostra que **S** ativa a busca de sentido da expressão na memória de longo prazo, enquanto **P** nos traz as informações relevantes da experiência mais concreta que nos permitem compreender conceitos mais abstratos no domínio alvo, mesmo em expressões metafóricas que nunca ouvimos: fazemos a transferência entre conhecimentos das entidades do **DF** para as do **DA**, de acordo com o contexto onde tais



expressões aparecem, por relações de iconicidade entre os itens correspondentes.

O estudo do processo metafórico na linguagem comum tem aberto caminhos de conhecimento da linguagem e de sua interrelação com os processos cognitivos que, até os dias de hoje, tinham ficado numa espécie de “limbo”, à espera que o olhar dos pesquisadores os resgatasse para a luz. Para explicar a importância desses estudos, Paivio e Walsh (1992:307) apresentam uma *metametáfora*, isto é, uma metáfora para que entendamos a importância da pesquisa desses mapeamentos para a compreensão do fenômeno linguístico. Para estes autores, “*A metáfora é um eclipse solar*”.

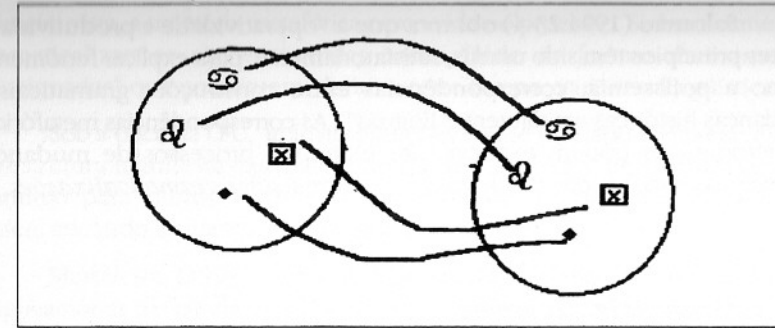
Ao explicarem o significado da metametáfora, tais autores afirmam que o estudo da metáfora está para os estudiosos da Linguagem e do Pensamento como o estudo do *eclipse solar* está para os estudantes de Astronomia: ao mesmo tempo que no eclipse oculta-se o objeto da pesquisa (o sol), que corresponde ao significado linguístico, revelam-se, de maneira mais saliente, vários outros aspectos interessantes do próprio objeto, desde que vistos por “um bom telescópio”.

Na verdade, foi observando eclipses do sol que os estudiosos de Astronomia perceberam que a terra era redonda, como se processavam seus movimentos em relação a ele e a própria natureza estelar do sol. Enquanto a sombra da terra obscurece o centro, ou o sentido *não-metafórico*<sup>2</sup> da língua, acabam sendo reveladas as relações entre o pensamento e a linguagem, tal qual o eclipse revela as relações entre o sol e nosso planeta, e entre este e os outros astros do sistema solar. No estudo das metáforas, são as relações entre domínios cognitivos e o linguístico, a produtividade semântica e a própria organização da Gramática que são revelados.

### 2.3 - O princípio da invariância

Ao explicar o sistema de correspondências entre DF e DA, Lakoff (1990) propõe a *Hipótese de Invariância*, segundo a qual há uma estrutura de esquemas em imagens (estrutura imagética) no DF que se corresponde, topologicamente (espacialmente), à estrutura inerente de esquemas em imagens no DA.

Tal princípio expressa que há correspondências topológicas nos espaços mentais dos dois domínios, isto é: uma entidade do DF que estiver, por exemplo, no espaço interior esquerdo deste domínio, estará, invariavelmente, no espaço interior esquerdo do DA. A estrutura inerente do DA limita as possibilidades de mapeamentos automaticamente, como busca mostrar o esquema na figura adaptada de Fauconnier 1994:



Quadro 2 - Esquema de correspondências topológicas entre DF e DA (adaptada de Fauconnier 1994)

Como mostra o Quadro 2, entidades correspondentes no DF (à esquerda) se transferem para o DA (à direita), sempre fazendo com que as experiências mais concretas do DF representem as experiências mais abstratas, invariavelmente limitando as possibilidades e ordenando as correspondências do mapeamento. O esquema representa o Princípio da Invariância, que cobre, numa ampla rede de mapeamentos inter cruzados, todo o nosso domínio cognitivo. Segundo Lakoff (1990:65), “O raciocínio abstrato é um caso particular de conceptualização baseado em imagens.”

Para a língua inglesa, Lakoff (1993:212) apresenta metáforas que norteiam toda a compreensão humana, sempre indo do mais concreto ao abstrato, manifestas em todas as áreas de conhecimento, exemplificando que conceptualizamos o mundo via metáforas, não como “relação entre palavras”, mas como relações entre domínios cognitivos que se manifestam linguisticamente. Constroem-se entre as metáforas básicas (candidatas a “universais”):

1. Categorias são áreas demarcadas no espaço (“containers”)
2. Escalas lineares são trajetórias.
3. Estados são áreas demarcadas no espaço.
4. Mudanças são movimentos para fora ou dentro das áreas demarcadas (do estado);
5. Processos são movimentos;
6. Causas são forças;
7. Propósitos são destinações;
8. Experiências são propriedades.

Na medida em que tais conceitos são frequentemente codificados nas gramáticas das línguas particulares, para os linguistas cognitivistas, a noção de metáfora conceptual torna-se absolutamente central para o estudo da Gramática.

Salomão (1994:23-4) observa que a “operatividade e produtividade destes princípios têm sido usadas, satisfatoriamente, para explicar fenômenos como a polissemia, correspondências entre construções gramaticais e mudanças históricas em diferentes línguas”. As correspondências metafóricas e metonímicas podem explicar, por exemplo, processos de mudanças semânticas e categorias nas línguas, as denominadas *gramaticalizações*.

### 2.3 - Gramaticalizações

Para designar a atribuição de caráter gramatical a alguma expressão anteriormente autônoma, Meillet propôs o uso do termo gramaticalização, conforme comentam Hopper & Traugott (1993:18). Contudo, segundo argumenta Salomão, a origem intelectual na história deste conceito deve retroceder ao empirismo racionalista de Locke, deste a Condillac, Rousseau, Humboldt, Breal e chegar a Saussure, “.... tratado como fiel depositário da tradição do debate lingüístico enciclopedista contra a crença reacionária na “linguagem adâmica”. (1994 b: 29)

Comenta ainda Salomão que Aarslef (1982: 66-7), em *From Locke to Saussure*, transcreve um trecho publicado em 1663, por Clausberg, um estudioso holandês considerado por Leibniz um “excelente filósofo”, onde podemos ver antecipada a Hipótese da Invariância, retomada depois por Sweetser em sua Tese de Doutorado em 1984 (publicação em 1990) e considerada fundamental para o entendimento da linguagem por Lakoff (1990). Clausberg afirma, exemplificando, que:

*(....) Muitas palavras são transferidas da designação de coisas sensíveis para coisas que pertencem ao intelecto. De fato, “capere” e “prebendere” ( captar e prender) descrevem ações manuais (....) mas quando queremos significar com clareza aquilo que é, ou pode ser compreendido pela mente, usamos modos de falar que, em geral, designam percepções de coisas corporais . (.... ).( Apud Salomão 1994:29)*

Mostra-nos Salomão (1994:31) que Clausberg tematiza a questão da rarefação do sentido pela sua projeção metafórica dos domínios conceptuais mais concretos (pegar, segurar) para os mais abstratos ( captar, compreender) como explicativo das mudanças lingüísticas.

Atualmente, o processo de gramaticalização tem sido considerado, diacronicamente, como *mudança lingüística concluída*, envolvendo, ao longo do tempo, a especialização do uso de um item lexical ou construção sintática como representação gramatical. Tal mudança é, às vezes, acompanhada de transformações formais tão radicais que opacificam, à

primeira vista, a trajetória metafórica percorrida no processo. Sincronicamente, gramaticalizações são entendidas como “rede de formas mutuamente relacionadas” que constituem, durante certo tempo, variantes lingüísticas.

Sob a ótica da LFC, gramaticalizações têm se revelado como extensões da estrutura manifesta das metáforas: há deslizamentos de sentidos de um domínio para outro, a partir do processo de transferência metafórica, desencadeando mudanças semânticas e categoriais.

Martelotta (1994), em sua Tese de Doutorado, ao usar a escala implicacional de Heine et alii (1991) para analisar a direcionalidade das mudanças lingüísticas, mostra que alguns dos circunstanciadores temporais apresentam acepções espaciais, tanto sincrônica, quanto diacronicamente, gramaticalizando-se como marcadores discursivos, ou seja, operadores argumentativos. Exemplifica tal fato com elementos em uso na língua portuguesa, mostrando que há, no processo de gramaticalização, uma ressemantização das formas e, paralelamente, um enrijecimento nas possibilidades destas serem introduzidas na cadeia discursiva. Tal enrijecimento das possibilidades de ordenação justifica que alguns dos operadores argumentativos ocorram, quase que exclusivamente, em posição pré-verbal.

Entre alguns dos casos analisados por Martelotta, pinçamos, a título de exemplificação do processo, a análise que realiza da trajetória de uso do advérbio *logo*. Rastreando, em análise diacrônica, o emprego do “logo” em textos do português arcaico (séculos XV e XVIII) demonstra que, embora o seu uso já estivesse abstratizado (convencionalizado) desde o final do século XIII, em textos de 1515 pode ainda ser encontrado sendo empregado com valor *espacial* do substantivo latino “*locus*” (=lugar). Ilustra sua constatação com trecho do “Boosco deleitoso” aqui transcrito:

*(....) e ele é convidado de si mesmo e nom há temor de estar soo, pois esta consigo. E em logo de paaços, tem as paredes da casa (....) ( Apud Martelotta, 1994:131).*

No trecho destacado, o “logo” ainda expressava o valor espacial que está na origem da forma gramaticalizada do advérbio temporal “logo” do português atual. Tal como apontado por Martelotta (1994), o deslizamento do sentido espacial para temporal, e deste para expressar relação de consequência na conjunção, sugere que tais deslizamentos possam ser encontrados em português em outras formas que passaram por processo semelhante, pesquisa que impõe a integração das perspectivas sincrônica e diacrônica na análise.

Segundo Svorou (1993:xx), na abordagem da LFC “... não há separação entre a perspectiva sincrônica e diacrônica, uma vez que os fatos do presente embutem o processo de metaforização ocorrido no passado e permitem prever os passos para o futuro das mudanças....”. A integração

entre as duas perspectivas tradicionalmente separadas, tem sido praticada nas análises desenvolvidas pelos funcionalistas modernos, onde destacamos Talmy (1986, 1988), Sweetser (1990), Traugott & Köning (1991), Heine, Claudi & Hünemeyer (1991), destacados, a título de exemplificação, entre vários outros.

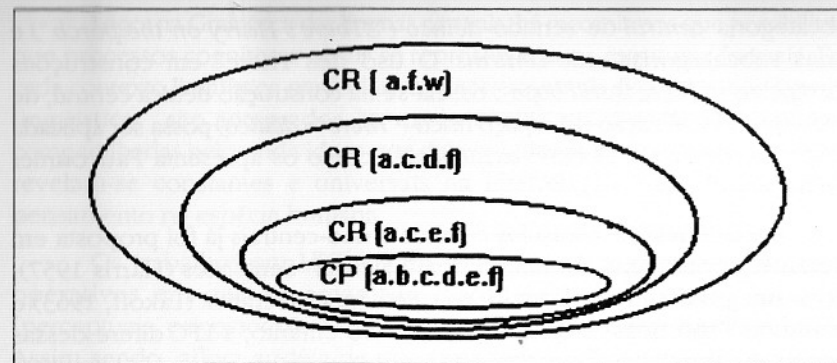
## 2.5 - *Categorias radiais*

Pesquisas em LFC têm mostrado que as categorias lingüísticas podem ser reavaliadas a partir da mudança de enfoque na noção clássica de que “uma categoria é um *container*”, tal como o faz Lakoff (1993). Segundo este autor, os elementos que estão contidos numa determinada classe (ou categoria gramatical) não são todos iguais, mas sim, heterogêneos. Eles estão organizados em torno de um *núcleo categorial nocional ou protótipo*.

Se uma categoria contém elementos desiguais, mas unidos por, pelo menos, um traço nocional comum, há elementos mais próximos ao protótipo e outros mais distantes. Portanto, nesta abordagem, o conceito clássico de categoria é substituído pelo conceito de *categorias radiais*, onde há um núcleo - o membro prototípico - que é o exemplo que contém todos os traços da categoria (= modelo) e do qual os outros exemplares da mesma espécie gradualmente se afastam. Tais membros radiais perdem alguns dos traços categóricos do protótipo, mas conservam alguns que os relacionam ao centro desta mesma categoria. Nesta concepção, *uma categoria configura-se como radiações a partir de um núcleo nocional comum*.

Em LFC, trabalhamos com a noção de categorias radiais, pois estamos entendendo que as categorias lingüísticas não são “classes de elementos com traços iguais”, mas sim, classes onde os elementos se organizam por alguns traços comuns. Podemos criar uma imagem de um “núcleo nocional” de onde se irradiam feixes distintos - as categorias radiais - ligadas a um núcleo central: o membro prototípico.

No Quadro 3, a seguir, apresentamos uma figura que esquematiza a organização das categorias radiais: um centro nocional prototípico (CP), do qual irradiam categorias radiais (CR), cujos termos, gradualmente, perdem alguns dos traços (a.b.c.d.e.f) que caracterizam o protótipo, embora mantenham alguns dos traços do protótipo (a, f) permanecendo, assim, ligadas ao núcleo central:



Quadro 3: *Esquemática de organização de categorias radiais*

Podemos entender melhor o esquema do Quadro 3, com um exemplo comentado em Almeida (1992), sobre a organização da categoria “aves”. Entre os membros desta categoria, encontramos pardais, papagaios, galinhas. Concordamos com a autora quando considera, entre os três membros apresentados, que o “pardal” seria o membro prototípico (CP) porque é o que possui a maioria dos traços da categoria “ave”: corpo coberto de penas, bico, dois pés, capacidade de voar. Já a galinha e o papagaio se afastam do protótipo: são membros das categorias radiais pois a galinha não voa alto como o pardal, mas predominantemente anda, e o papagaio, não canta, mas fala. Apesar destas diferenças, todos são membros da categoria “aves”.

Podemos, assim, entender que os membros que compõem uma categoria não são iguais, mas apresentam traços comuns que nos permitem identificá-los como pertencentes a uma mesma categoria, como acontece entre as “aves”. Na Gramática as categorias se organizam da mesma forma: há exemplos prototípicos que ocupam a posição de núcleo da categoria, mas há outros termos que, embora em posições mais distanciadas do modelo da categoria, apresentam traços que denunciam a sua identidade como membro da mesma categoria do protótipo.

Do ponto de vista da LFC, a Gramática constitui *uma categoria radial de construções gramaticais*, onde cada construção associa um modelo cognitivo, que caracteriza o significado interligado a aspectos correspondentes na forma lingüística. Nesse sentido, os parâmetros da forma lingüística são motivados e, muitas vezes, podem ser *previstos com base no significado*.

Estudos têm mostrado que as categorias radiais ocorrem tanto na sintaxe (construções com “there” em inglês, Lakoff 1987), quanto no léxico (uso do “over” em inglês, Brugman 1981, Lakoff 1987).

No caso das construções como “There”, por exemplo, Lakoff demonstra que se trata de uma categoria radialmente estruturada, com uma



subcategoria *central* de sentido *dêítico* (“*There’s Harry on the porch*”) e várias subcategorias *não-centrais*. O uso de “*There*” em construções existenciais (“*There is still hope*”) baseia-se na construção *dêítica central*, de modo que a localização no espaço físico (“*There*”= *dêítico*) possa ser aplicada a espaços mentais (“*There*”= *existencial*), como os apresenta Fauconnier (1994).

A existência de cláusulas centrais e não-centrais já foi proposta em diferentes abordagens em Linguística: “*Kernel*” Sentences (Harris 1957); Teoria Integrada (Katz e Postal 1964); Semântica Gerativa (Lakoff, 1963) e “*Estruturas Profundas*” (Chomsky 1965). No entanto, a LFC difere dessas abordagens com base nos parâmetros listados a seguir:

- a) estabelecimento de uma Semântica Cognitiva, que usa modelos proposicionais, metafóricos e metonímicos, e a teoria dos espaços mentais;
- b) associação direta de parâmetros de forma e significado;
- c) estabelecimento da noção de categoria radial e de centros prototípicos;
- d) vinculação de casos centrais aos não centrais, através de relações semânticas e pragmáticas e não através de relações puramente sintáticas, como “transformações”;
- e) visão holística das construções gramaticais: o significado da construção como um todo é motivado pelo significado das partes, mas não é computável a partir delas; e
- f) entendimento da sintaxe como dependente de vários aspectos da cognição, representados pela teoria dos protótipos e dos modelos cognitivos dos espaços mentais.

Na medida em que a Gramática é concebida para representar o mundo - das coisas e das idéias - ela deverá se acomodar continuamente às necessidades de interação e representação. Para Salomão “... seria anti-econômico se ela própria não embutisse um certa *modelização-do mundo, não marcada e pré-disponível*” (1994b:12).

Assim considerando, percebemos que a Gramática não funcionaria se não se constituísse por si mesma um sistema de grande flexibilidade, onde integram-se categorias ajustáveis a partir de um centro conceitualmente motivado.

## 2.6 - A Gramática : uma imagem virtual do pensamento

A capacidade que os indivíduos demonstram para criar, inovar e interpretar expressões em suas línguas mostra que a língua falada por um povo está calcada numa estrutura flexível. Pela função que exerce - transmitir idéias de indivíduo para indivíduo e representar o mundo - uma gramática rígida estaria fadada à morte.

Logo, na Gramática das línguas naturais, há mecanismos que possibilitam que processos cognitivos gerais se representem nas estruturas formais. Em cada contexto lingüístico particular, recursos estruturais disponíveis no sistema lingüístico são integrados às experiências psico-sociais e culturais compartilhadas pelos indivíduos que dele se utilizam. Contudo, tais processos revelam-se constantes e universais na interrelação entre linguagem e pensamento na espécie humana.

Os trabalhos em LFC tentam mostrar que os mesmos princípios operativos em que se organizam as diferentes categorias humanas (perceptuais, psicossociais e culturais) estruturam as categorias lingüísticas. Assim sendo, aflora a idéia de que uma teoria adequada para estudar a Gramática deva elucidar, satisfatoriamente, a relação das formas lingüísticas (sintáticas, semânticas e discursivas) com os demais sistemas cognitivos.

Entre estes lingüistas, Sweetser, Lakoff, Langacker, Talmy, Beaugrande, Ortony estão entre os primeiros a procurarem evidências empíricas da base conceptual da Gramática. Seus trabalhos vêm se sucedendo desde 1984 (Sweetser), mostrando que na Gramática das línguas perpassa uma base cognitiva, calcada nas experiências dos indivíduos, fornecendo evidências de que, por tal relação, a Gramática é icônica em relação à sua base conceptual.

Na produção discursiva, a metaforização conceptual pode ser demonstrada quando, por exemplo, um professor produz uma representação concreta de um domínio da experiência para transmitir conceitos científicos, mais abstratos. A maioria de nós aprendeu a estrutura da célula (uma abstração, porque invisível a olho nu), pela imagem do ovo, onde a gema representa, visualmente, o núcleo e a questão dos parentescos lingüísticos, a partir da imagem de uma árvore em que do “tronco” nascem “galhos” como línguas derivadas.

Esquemas figurativos dessa natureza são recursos “metafóricos” empregados no discurso para que possamos compreender conceitos abstratos. Portanto, o processo metafórico está na base da nossa compreensão, e, a partir do domínio cognitivo, para os discursos que sistematicamente o expressam. Segundo os estudos vêm evidenciando, o processo metafórico é organizador de toda a linguagem, uma vez que nesta se espelham os processos de pensamento.

Se compararmos o que acontece entre linguagem e pensamento com a técnica computacional da *imagem virtual*, perceberemos que a língua (= Gramática) é uma representação icônica - uma imagem modificada - dos processos cognitivos. Na técnica da imagem virtual, por exemplo, os movimentos que um indivíduo monitorado faz concretamente no espaço físico aparecem na tela numa imagem transformada, mas onde podemos identificar os traços básicos dos movimentos efetivamente produzidos por ele. A iconicidade entre os movimentos do homem e os da imagem virtual é perceptível porque, entre o que a imagem apresenta e o que a base

humana faz, há traços comuns, em relação de similaridade. *Nesta perspectiva, a Gramática é uma imagem cristalizada dos processos cognitivos que são, independentemente, ininteligíveis.*

### 3. Conclusões

Desde os anos oitenta, lingüistas têm buscado entre as línguas do mundo, evidências de que o processo metafórico engendra a Gramática das línguas naturais. No Brasil, em especial o *Grupo de Pesquisa Gramática e Cognição* vem desenvolvendo projetos nesta abordagem, com trabalhos que buscam, com base na aplicação dos parâmetros analíticos aqui apresentados, evidências em Língua Portuguesa da motivação conceptual da Gramática.

Por trabalhar com a língua em uso, investigando as correlações existentes entre processos mentais e estruturas lingüísticas, vislumbramos repercussões relevantes para os trabalhos lingüísticos nesta perspectiva, não só no campo da Teoria e Análise Lingüística, mas em todas as áreas em que tais interrelações são instrumental de trabalho.

Na medida em que as descobertas que vêm sendo feitas em LFC evidenciam que, apesar de as línguas do mundo se realizarem em diferentes estruturas gramaticais, a elas subjazem processos cognitivos gerais e comuns que apontam para o caráter experiencial da constituição da linguagem, acreditamos que tais princípios têm peso teórico equivalente em importância à hipótese gerativista de que há estruturas lingüísticas mínimas geneticamente transmitidas e universais que predisõem os homens a adquirirem uma língua, pois revelam que, ao serem usados os mesmos processos cognitivos na organização das diferentes gramáticas das línguas naturais, partindo das correspondências entre domínios conceptuais e estruturas lingüísticas, estabelecem-se evidências de que, para que os homens possam expressar suas idéias e entenderem o que os outros dizem, há mecanismos constantes, calcados em experiências culturalmente compartilhadas que, figurativamente, afloram na superfície das gramáticas e na estruturação dos discursos, mostrando as interrelações entre pensamento e linguagem.

### 4. Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. Lúcia. *A indeterminação do sujeito*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado UFRJ, 1992 (inédita).
- BROWN, G. & YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- FAUCOUNNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- GIVÓN, Talmy. *Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological consideration*. University of Oregon, 1990a. (mimeo).
- \_\_\_\_\_. *English Grammar: a function-based introduction*. V I & 2. Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- HEINE, B, CLAUDI, U & HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. & TRAUGOTT. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- JAKENDOFF, Ray. *Semantic interpretation on generative grammar*. Cambridge: The Mit Press, 1972.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors: we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.
- LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. "The contemporary theory of metaphor." In: Andrew Ortony.(ed) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge Universty Press, 2ed. 1993.
- MARTELOTTA, Mario. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado na UFRJ, 1994 (Inédita).
- ORTONY, Andrew (ed). "Preface to the first edition" & "The role of similarity in similes and methaphors." In: Ortony (ed). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- PAIVIO, Allan & WALSH, Mary. "Psychological processes in metaphor". In: Ortony. *Metaphor and Thought*, 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. Trad. José Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- REDDY, Michael. "The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: Ortony (ed). *Metaphor and Thought*. 2ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- SALOMÃO, Margarida. *Polysemy, aspect and modality in Brazilian Portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar*. Berkeley: Tese de Doutorado na University of California at Berkeley, 1990. (inédito)



- \_\_\_\_\_. *Idiomaticidade e motivação cognitiva: a face-de-Jano da gramática*. Juiz de Fora: UFJF, 1994 (mimeo).
- \_\_\_\_\_. *A gramaticalização das representações espaço-temporais em português*. Rio de Janeiro/Juiz de Fora, Texto arcabouço do Projeto Integrado de Pesquisa do Grupo de Pesquisa Gramática & Cognição (UERJ, UFRJ, UFJF - CNPQ Processo Projeto Integrado 500629/91-9 (NV), 1994b (mimeo).
- SVOROU, Soteria. *The grammar of space*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- SWEETSER, Ewe. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TOMLIN, Russel. *Basic word order: functional principles*. London: Croon Helm, 1991.
- TRAUGOTT, E. & KÖNING, E. "The semantics-pragmatics of grammaticalization". In: *Approaches to grammaticalization V 1*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- \_\_\_\_\_. & HEINE, Bernard. *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1991.

## 5. Notas

- 1 *Membros do Grupo de Pesquisa Gramática & Cognição, responsáveis pelos projetos:*  
 - CHIAVEGATTO, Valeria. A gramaticalização em expressões adverbiais em descrições do português. *Rio de Janeiro, UERJ, 1994*. - FERRARI, Lilian. Gramaticalização e polissemia nas reduzidas de gerúndio. *Juiz de Fora, UFJF, 1994*. *Trabalhos integrados ao Projeto de Pesquisa A gramaticalização da representação espaço-temporal em português, coordenado pela Profª Margarida Salomão (UFJF), em que também atuam as Profªs Maria Lúcia Leitão de Almeida (UFRJ) e Mônica Rio Nobre (UFRJ)*.
- 2 *Para Lakoff, o sentido não metafórico ou "literal" ocorre apenas em expressões que empregam domínios de experiências concretas para a representação das próprias experiências concretas, como em sentenças do tipo "A pena caiu" (1993: 205) Mesmo nestes casos, nos termos do próprio Lakoff, seria mais apropriado falar de "significado básico ou central".*
- 3 *Estão em estudo no Projeto Integrado em desenvolvimento pelo Grupo de Pesquisa Gramática & Cognição - A gramaticalização da representação espaço-temporal em português, pesquisas que abordam os seguintes fenômenos em Português;*  
 - a gramaticalização do aspecto através das perifrases verbais (por Margarida Salomão - UFJF);  
 - a polissemia nas reduzidas de gerúndio (por Lilian Ferrari - UFJF);  
 - a recategorização semântico-sintática de preposições, advérbios e conjunções (por Maria Lúcia Leitão de Almeida - UFRJ);  
 - os sintagmas adjetivais (por Mônica Rio Nobre - UFRJ); e  
 - a gramaticalização em expressões adverbiais em descrições que representam cenários espaciais em português (por Valeria Chiavegatto - UERJ)